

LÍNGUA E INFORMÁTICA, QUE DUPLA

**Professores do primeiro grau aceitam o desafio e ensinam
Português utilizando informática como ferramenta pedagógica**

Muito se tem falado e escrito sobre a necessidade de uma educação permanente, de um aprendizado continuado e autônomo. As escolas têm buscado métodos e estratégias, objetivando formar um aluno autônomo, isto é, um indivíduo que aprenda a aprender. Hoje já se exigem qualificações e habilidades que devem colocar em alerta pais e educadores, conscientes de seus papéis sociais. O correlato dessa situação é uma pergunta: como pais, professores e a sociedade poderão contribuir para que essas necessidades previstas possam ser satisfeitas? Parece que aprender a aprender, tornar-se um aprendiz autônomo, capaz de uma educação continuada, passa pelo crivo da leitura. Nossa cultura, mesmo as mais modernas formas de comunicação informatizada, está escrita. Exige-se do operário que saiba ler instruções e manuais, da dona de casa que decodifique não só manuais de funcionamento de suas máquinas domésticas como também sofisticados painéis eletrônicos. E mais ainda, ao não conhecer rudimentos do funcionamento eletrônico de um equipamento pode-se pôr a perder as facilidades e possibilidades da tecnologia que são colocadas à disposição. Portanto, não só o trabalho intelectual – pesquisa, teoria, ensaística, crítica, literatura – está a exigir leitura, o cotidiano mais prosaico também. Daí a constante preocupação com o que se entende por *leitura*, como motivá-la e quais as possibilidades de trabalhar, senão ensinar, a *leitura*.

AS AUTORAS

Marly Camargo de Barros Vidal

Professora de Língua Portuguesa para o primeiro grau na Escola Pacaembu.

Rosângela Del Vecchio

Especialista em informática e coordenadora de informática na Escola Pacaembu.

LEITURA: INTERAÇÃO CONSTRUTORA DE SENTIDOS

Palavra polissêmica, leitura pode ser encarada sob vários prismas e significações. Num sentido amplo seria a atribuição de sentidos, mas podemos pensá-la como concepção, leitura do mundo. Academicamente falando, leitura seria o aparato metodológico, teórico que construímos para a aproximação de um texto ou ainda relacionada ao ato alfabetizador, aprender a ler e a escrever. Segue-se aqui, como linha mestra, a idéia de *compreensão e interpretação*, o que requer clarear alguns pontos.

Leitura é produção, por isso possibilita o trabalhar e mesmo o ensinar; assim como a escrita, ela é processo de instauração de sentido(s); o sujeito-leitor tem sua história e especificidade; a produção de sentidos tem uma determinação histórica e ideológica; existem múltiplos modos e efeitos de leitura relacionados com o momento e com o segmento social. Portanto, leitura não é o simples ato decodificador e sim a relação estabelecida entre o leitor e o texto em toda sua amplitude, variabilidade e possibilidades.

Em todo texto, há o que a teoria do discurso chama de leitor imaginário, isto é, aquele que o autor imagina para seu texto e a quem ele se dirige. Quando o sujeito-leitor real, aquele que vai se apropriar do texto surge, defronta-se com o virtual e vai com ele interagir também com o sujeito-autor. As relações estabelecidas entre texto e leitor estão na circunscrição social e histórica. “A relação, como diria A. Schaff em sua crítica ao fetichismo sócio, sempre se dá entre homens, são relações sociais; eu acrescentaria, históricas, ainda que (ou porque) mediadas por objetos (como o texto). Ficar na *objetividade* do texto, no entanto, é fixar-se na meditação, absolutizando-a, perdendo a sua historicidade, logo sua significância”¹.

Momento crítico da produção de sentidos, a leitura confronta texto, ação de ler, produção e interlocutores e aí nasce a significação textual. Dentro ainda da contextualização da leitura, teríamos as condições de produção, ou seja, os diferentes modos de leitura. Como ocorre a relação autor/leitor/texto/sentido? Que relações são estabelecidas entre o autor e seu texto, do texto com outros textos, do texto com seu referente, com o leitor? No caso da escola, que relação foi estabelecida com o professor para o qual ou a pedido do qual o aluno leu o livro? O que foi priorizado, o que foi mais

1. ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. 2.ed. São Paulo: Cortez /Edunicamp, 1993. p. 9. (Coleção Passando a Limpo).

significativo? Outro aspecto importante a ser ressaltado – a incompletude – o implícito de um texto e que remete à intertextualidade. O explícito seria o que está dito, o implícito o que, não dito, está significado. A intertextualidade é a relação que o texto estabelece com textos outros, existentes, possíveis ou imaginários. Isto é, os sentidos de um texto não estão obrigatoriamente nele, podem estar na relação dele com outro(s). A leitura, como vimos, é um ato mais complexo do que aquele que, comumente, educadores, pais e sociedade supõem. Leitura como atribuição de sentidos pode variar em função do que se pensa ser compreensão e interpretação bem como quais são as condições de sua produção.

Uma coisa é uma leitura que se caracteriza pela reprodução ditada pelo reconhecimento do sentido que se supõe ser dado pelo autor e outra é a leitura múltipla, polissêmica definida pela variabilidade de sentidos que um texto pode ter. Isso não quer dizer que se possa ler um texto como se quer, do jeito que bem se entende.

Há marcas discursivas que permeiam o texto e que orientam a leitura, que promovem ou não relações, que permitem ou não a emergência de um ou de outro(s) sentido(s). A percepção e o domínio dessas marcas é que se constituem nas possibilidades de trabalhar/ensinar a leitura.

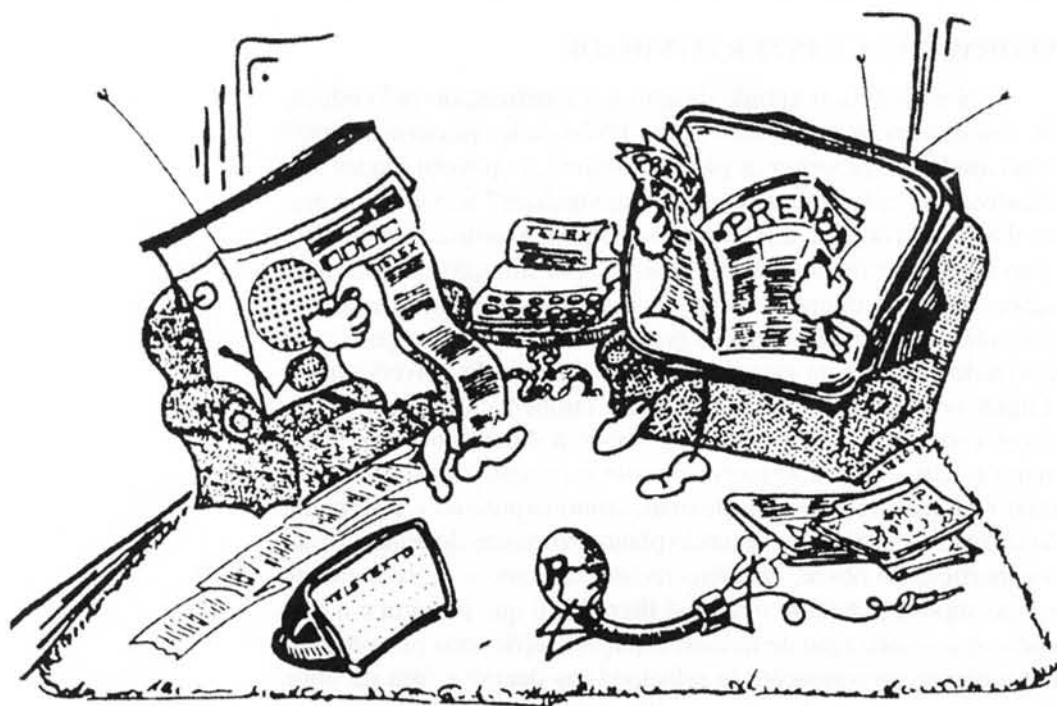
INFORMÁTICA E INTERATIVIDADE

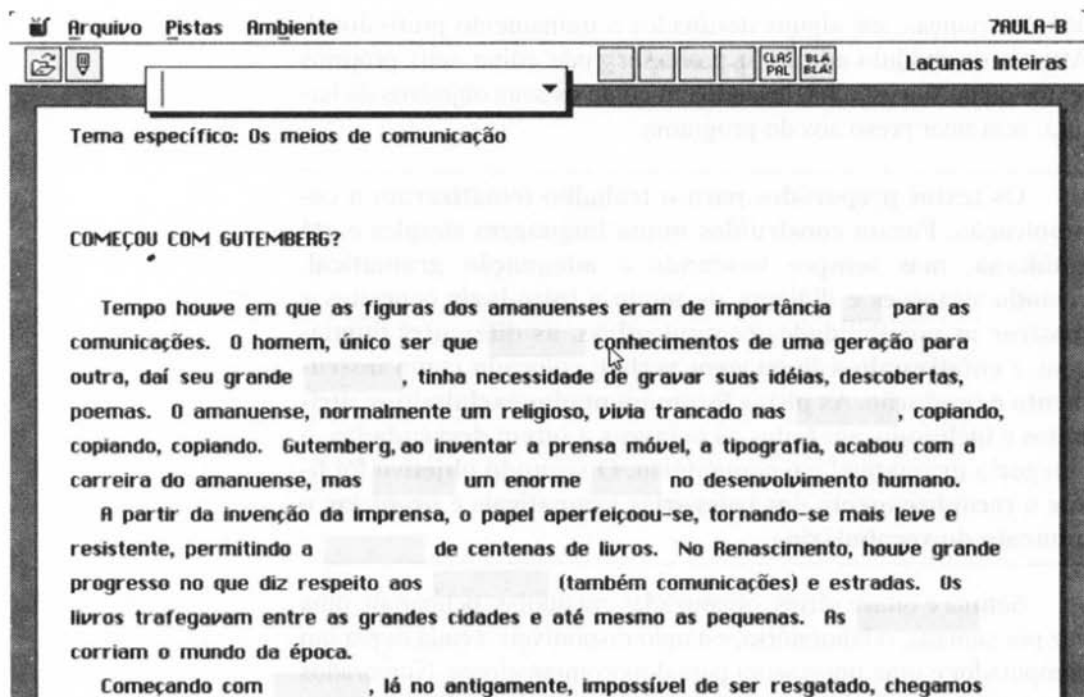
Está na leitura o grande desafio a ser enfrentado pelo educador. Como motivar a criança? Como levá-la a ler prazerosamente? Como ajudá-la a perceber as pistas de leitura, as possibilidades significativas do texto, a relacionar e contextualizar? Sente-se, na prática diária, o problema da desmotivação para a leitura. A cada ano, e isso parece ser lugar-comum, observa-se a situação em deteriorização, ou seja, a criança se distanciando mais e mais da leitura e, conseqüentemente, da escrita. A própria estrutura escolar parece ter priorizado o ensino da gramática em detrimento do universo que é a língua; confunde-se formalização, que também cabe à escola promover, com ensino da língua. Esquece-se a dimensão histórica do sujeito usuário, sua experiência anterior e fora da escola. A língua, como instrumento e produto textual, como expressão e interpretação da realidade fica em segundo plano. Propostas de leitura ficam na superfície do óbvio, do mero reconhecimento e reprodução do sentido suposto. Quando o texto é literário, o que importa é a percepção e memorização de nomes, espaços e ações dos personagens sem a menor preocupação de relacioná-los dentro e fora da obra. Em textos caracterizados como poéticos as estrofes, versos, rimas e

figuras devem ser identificados e nomeados. O cumprimento das exigências curriculares se sobrepõe a toda e qualquer busca de uma leitura significativa.

A TV, que já foi acusada de grande vilã, perde para a informática com suas *infolias* e *cybers* variados, é o *monstrinho* que transfigura, amedronta e ameaça até mesmo a existência da função de professor. Só que a criança domina o monstro, ensina pai e professor (se permitirem) e tem no videogame seu melhor companheiro para as horas de solidão e não solidão. Aprende o vocabulário informatizado, conhece programas e ferramentas, faz desenhos, elabora convites de suas festas, namora pela Internet.

Feita esta constatação, lá fomos nós, *geração caneta Parker*, enfrentar o monstro e tentar descobrir em seu fantástico ventre possibilidades de uso para motivar nosso aluno não só à leitura como também à produção de textos. Colocamo-nos o seguinte: computador é instrumento e programa pode ser estratégia. A relação cordial, e até íntima, que a criança e o jovem têm com a máquina é motivação. E quando colocamos nós, é plural mesmo. A especialista em informática que tem por função ensinar à professora os segredos da máquina, dona de sensibilidade pedagógica, compra a idéia e, após muitas leituras sobre informática na educação, procura e exploração de *softwares*, nasce um projeto visando à leitura.





Página do software

UMA NOVA EXPERIÊNCIA

O software escolhido é *Investigando Textos com Sherlock*, de autoria do professor David W. Carraher, produto do Senac. Programa de fácil manejo, propõe a investigação do texto, apresentando-o com lacunas vocabulares, que devem ser preenchidas pelo leitor. Ao preencher as lacunas o usuário conta com algumas pistas que o auxiliam, não a adivinhar ou acertar por tentativa e erro mas sim, relacionando informações, chegar à palavra que permita o sentido. Acessando as pistas, o leitor obtém informações sobre a palavra: atributo, categoria gramatical, comentário que pode estar estruturado em termos de sinonímia, oposição, conceituação etc. Ao preencher todas as lacunas o usuário recupera o texto em sua inteireza. No segundo módulo, o programa apresenta a possibilidade de edição. O aluno digita um texto, lacuna as palavras que escolher, constrói as pistas. Todas essas operações são de fácil domínio pelo usuário no que tange à manipulação do programa, mas exigem bastante atenção quando se trata de escolher as palavras a serem lacunadas e, mais ainda, na construção das pistas. Ambas as operações, se mal executadas, chegam a impedir a recuperação do texto por outro leitor. O software já vem com um elenco de textos, desde os mais simples, informativos, científicos, ficcionais, poéticos, para o

uso de crianças, até alguns destinados a treinamento profissional. Através do módulo edição, o professor pode editar seus próprios textos ou de sua escolha, levando em conta os seus objetivos de leitura, sem ficar preso aos do programa.

Os textos preparados para o trabalho tematizaram a comunicação. Foram construídos numa linguagem simples e até cotidiana, mas sempre buscando a adequação gramatical, criando situações e diálogos de modo a introduzir conceitos e mostrar as possibilidades comunicativas, as diferentes linguagens e enfatizando a linguagem verbal, colocada como instrumento e produção. As pistas foram montadas excluindo-se atributos e incluindo, em todas as palavras a serem desvendadas, a categoria gramatical e o comentário. O segundo objetivo foi fixar o reconhecimento das categorias gramaticais e propiciar o aumento do vocabulário.

Sétima e oitava séries, organizadas em duplas, ocuparam, uma vez por semana, o laboratório, estando disponíveis a cada dupla um computador e uma impressora para dois computadores. Numerados computadores e duplas, foram criados dois arquivos diferentes mas com o mesmo tema e assunto, o mesmo nível de dificuldade e o mesmo número de lacunas.

Na primeira aula de *Sherlock* (nome atribuído logo de saída pelos alunos), a coordenadora de informática explicou o funcionamento do programa, a professora explicou o teor das pistas e os alunos fizeram um treinamento. Claro que, logo de início, dominaram o funcionamento.

PROBLEMAS E SOLUÇÕES

As dificuldades surgiram no preenchimento das lacunas. Os alunos mostraram que não dominavam as categorias gramaticais e, ao digitarem o significado da lacuna em outra categoria, viam recusada a palavra. Desatentos, apressados e apoiados na certeza do acerto da significação da palavra, auxiliados que foram pelo comentário, ao primeiro erro saltavam a pista e iam para a seguinte. Impacientes e rancorosos pelo fato de não conseguirem imediatamente o preenchimento, requisitavam os professores, não como mediadores e/ou estimuladores e sim como solucionadores dos problemas. Chegavam ao final do texto com várias lacunas não preenchidas, utilizando somente parte do tempo concedido para o trabalho. Erros de número e gênero das palavras também foram cometidos, além de digitação.

Arquivo Pistas Ambiente 7AULA-B

Lacunas Inteiras

aos que transmitem pelo espaço e permitem a impressão de jornais em vários países. Se não bastasse, grandes impressoras, totalmente computadorizadas, permitem a impressão de milhares de páginas em minutos. E essa que você está manuseando, também é da necessidade que o homem tem de . Do amanuense enfiado nas bibliotecas durante toda a vida, copiando para que outros lessem, você, hoje, lê pela Internet.

O que pensaria Gutenberg de tudo isso? Podemos estar certos de que saberia que se não tivesse sido ele, seria outro.

Perguntas:

1. Qual o fato importante levantado pelo texto. Justifique sua resposta.
2. Seria possível ao homem chegar onde chegou sem a comunicação? Por quê?
3. Qual o tema do texto lido?

Página do software

Parece-nos que tudo isso ocorre em função do imediatismo, da pressa mesmo, bem como da falta de atenção. Na segunda aula, mostraram-se menos ansiosos e apressados, bem como mais atentos e obtiveram um escore mais alto. Restava, entretanto, a questão do comentário. Pudemos notar que, ao ler os comentários, os alunos tiveram dificuldades em perceber os conceitos dados, por exemplo, *sinial gráfico que representa o fonema*, utilizado no comentário para a lacuna que seria preenchida com a palavra *letra*. Tratando-se de sétima e oitava séries, o domínio e a transferência deveria ser feita quase que de imediato. Outras situações semelhantes nos apontaram para a dificuldade que eles têm em relacionar e transferir. Os substantivos abstratos geram problemas também, especialmente os designativos de ações, que eram substituídos pelos verbos. A partir da terceira aula iniciamos o trabalho com o editor de texto. Dado um texto, eles deveriam escolher entre palavras a serem lacunadas, preparar as pistas e, num segundo momento, os textos seriam trocados e recuperados por outra dupla. Notamos que a preocupação estava em dificultar a ação da dupla que iria trabalhar no preenchimento das lacunas programadas e não no trabalho pessoal. Outro problema detectado foi a dificuldade em preparar as pistas: continuaram confundindo categorias

gramaticais e copiavam os significados do dicionário, cometendo erros de contextualização. Esse fato também remete para a questão da transferência, pois em aulas regulares, na classe, quando do trabalho com textos, temos enfatizado o fato de as palavras significarem, dentro do contexto, o aspecto conotativo, figurado da linguagem. Mas o problema que mais nos preocupou foi o de percebermos que, ao preencherem as lacunas, recuperavam o texto em sua inteireza, mas não refletiam sobre o mesmo. Algumas duplas sequer chegaram a uma percepção simples do tema e assunto. Passamos a exigir de cada texto descoberto no módulo investigação a resposta a duas ou três questões envolvendo tema e assunto, obrigatoriamente registradas. No terceiro mês de trabalho, passamos a fornecer um tema, uma situação e as duplas redigiram o texto no módulo edição, prepararam lacunas e pistas e o trabalho prosseguiu com a troca de textos como na etapa anterior.

RESULTADOS SATISFATÓRIOS

No final do semestre pudemos notar crescimento de interesse, mudança de postura em aula, maior colaboração e disciplina, bem como a percepção de que mais vale pensar no seu trabalho do que dificultar a vida dos colegas, porque o retorno seria negativo para todos.

A percepção de tema e assunto continua sendo o maior problema da leitura, bem como a dificuldade de expressar-se por escrito, de organizar idéias, em se tratando de opinar, julgar, concluir.

Entretanto, o crescimento foi palpável e, o mais importante, a preocupação com o tema e o assunto foi levada para a sala de aula, passando a fazer parte da rotina da maioria dos alunos, havendo mesmo cobrança a respeito, proposta de discussão. Para alguns alunos já ficou bem patente a possibilidade de multiplicidade de leitura, especialmente para os da oitava série.

Todos os trabalhos feitos foram impressos, avaliados e comentados em classe, o que permitiu aos alunos fazerem uma auto-crítica, que acreditamos foi muito valiosa e responsável, em grande parte, pela modificação de postura e produção no laboratório. A última avaliação do semestre foi individual e trabalhou só no módulo investigação. Embora exigíssemos cuidado, atenção e mesmo correção no trabalho, não permitimos que notas negativas no *Sherlock* diminuíssem o conceito final do bimestre, mas procuramos premiar os bons trabalhos. O maior prêmio, entretanto, foi notar quanto

estimulante para os alunos foi este trabalho. A carinha malandra do início, que mostrava o espírito de brincadeira em relação ao trabalho, transmutou-se em alegria e prazer ao verificar a produção própria. As palavras novas que surgiam no trabalho de investigação foram utilizadas com muita frequência nas redações (também feitas no laboratório, utilizando o processador de textos). No último mês do semestre, solicitamos aos alunos que trouxessem material para o prosseguimento do trabalho, letras de música popular, poemas ou prosa literária e fomos atendidos por muitos deles. Esse espírito de colaboração cresceu bastante nos trabalhos do laboratório. Sempre trabalhando em duplas, ficou patente para os alunos a necessidade do outro, o gostoso da troca, ou seja, houve interação pessoal, o que cremos indispensável para a realização do indivíduo e de suas tarefas no mundo contemporâneo.

UM NOVO DESAFIO

Atestamos, com essa experiência de um semestre, que vale a pena investir em informática como instrumento. Foi estimulante para nós, professoras, o desafio da mudança, as modificações que fomos obrigadas a fazer no andamento das aulas e no projeto inicial, as surpresas e os problemas surgidos no caminho. Pudemos perceber de forma bastante clara e objetiva as dificuldades de leitura. Ficou patente, concretizado mesmo, que ler é um aprendizado de paciência, atenção e dedicação.

O aluno, por mais esperto e inteligente que seja, precisa, e muito, de cuidados e orientação. O professor precisa ter um espírito investigativo para perceber as possibilidades do instrumental informatizado, uma boa dose de paciência e tempo para pesquisa de *softwares* e, escolhido o programa, trabalhá-lo à exaustão para aproveitá-lo bem e contornar os desvios de rota. Não esperar o pronto, porque isso parece não existir. Ter sempre em mente que o que temos em mão é um instrumento valioso, gostoso, querido pelos alunos mas que deve ser estudado, conhecido, *domado* mesmo pelo educador. Portanto, necessário se faz que os professores conheçam o *uso* da ferramenta e percebam que a máquina não substitui o trabalho humano, o intelecto. Professor é “agente de formação, indispensável”². Pensamos que aqui reside um sério problema: a falta de formação para o professor operar no campo da informática.

O acesso à tecnologia atual vai provocar mudanças que devem ser trabalhadas com bastante cautela.

2. CARVALHO, Célia Pezzolo, BARBIERI, Marisa Ramos. *Formação de professores em tempo de informática*. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n.9, maio/ago. 1997. p.18-22.

Como a TV ou outra qualquer tecnologia, a informática só será instrumento, recurso educacional, se houver associação ao projeto pedagógico. Daí decorre a necessidade de o professor estar em condições de *interagir, inventar, criar com a tecnologia*. Seleção, organização, síntese de dados que surgem de modo descontínuo exigirão do professor presença ativa, servindo de ligação entre o que é fornecido pela tecnologia e a aprendizagem.

Outro aspecto a ser observado é o perigo de a escola formar simples usuários de computador. Cremos que esse papel não lhe cabe e sim o de transformar, transfigurar mesmo a aprendizagem, formar indivíduos reflexivos, críticos e, principalmente, produtores de conhecimentos.

Há um longo caminho de trabalho, descoberta e criação pela frente. Cabe a nós, aprendizes porque educadores, enfrentarmos o desafio que se apresenta e transformar esse instrumental que aí está em aliado na construção de uma escola atraente onde o saber, parodiando Roland Barthes, tenha também sabor. É necessário que aprofundemos cuidadosamente as observações e resultados dos trabalhos com o instrumental informatizado, de modo a avaliarmos seu real significado pedagógico, evitando-se o modismo, ou ainda, mera roupagem que não transforma o interior. Cremos que desprezar a informática, fugir dela, escamoteá-la será perda. A nossa velha Parker e o bloco de notas também já foram assustadores.

Resumo: Entendendo a informática como ferramenta e utilizando o *software Investigando textos com Sherlock*, buscou-se motivar o aluno à leitura na certeza de que esta é um passaporte eficiente para a autonomia do aprendiz. Avaliando constantemente o trabalho, corrigindo rotas, constatando as possibilidades e, principalmente, os resultados animadores, parece chegado o momento de o professor se apropriar deste instrumental, preparando-se adequadamente para, associando a tecnologia ao projeto pedagógico, tornar a informática recurso educacional e estratégia proveitosa e gostosa para seu trabalho.

Palavras-chave: Português, informática, leitura, ferramenta pedagógica

Abstract: Understanding computer science as a tool and using software *Investigando textos com Sherlock*, an attempt was made to motivate the student to read in the certainty that this is an efficient passport to the learner's autonomy. By evaluating the work constantly, correcting the routes, noticing possibilities and, most of all, the encouraging results, time has come for the teacher to appropriate this instrument, preparing himself adequately to, associating technology to the teaching project, turn computer science into an educational resource and into a worthwhile and enjoyable strategy for his work.

Key words: Portuguese, computer science, reading, teaching tool